

O QUE É MORTE PARA O CRISTÃO

1020 O cristão, que une a sua própria morte, à morte de Jesus, encara a morte com esperança, isto é, como entrada na vida eterna. Os cristãos ao aproximar-se da morte, procuram receber o perdão dos pecados, pelo sacramento da Confissão, pelo Sacramento da Santa Unção, e receber a Sagrada Comunhão como viático, isto é, como alimento para a viagem.

1021. A morte põe termo à vida do homem, enquanto tempo aberto à aceitação ou à rejeição da graça divina, manifestada em Jesus Cristo.¹ O Novo Testamento fala do juízo, principalmente na perspectiva do encontro final com Cristo na sua segunda vinda. Mas também afirma, reiteradamente, a retribuição imediata depois da morte de cada qual, em função das suas obras e da sua fé. A parábola do pobre Lázaro (Lc 16, 22) e a palavra de Cristo crucificado ao bom ladrão (Lc 23, 43), assim como outros textos do Novo Testamento (Cf. 2 Cor 5, 5; Fl 1, 23; Heb 9, 27: 12, 23.), falam dum destino final

¹ *Ele salvou-nos e chamou-nos, por santo chamamento, não em atenção às nossas obras, mas segundo o seu próprio desígnio e a graça a nós concedida em Cristo Jesus, antes dos séculos eternos, e agora revelada na manifestação do nosso Salvador, Cristo Jesus, que destruiu a morte e irradiou vida e imortalidade, por meio do Evangelho, do qual eu próprio fui constituído arauto, apóstolo e mestre. (2Tm 1, 9-11)*

da alma (Mt 16, 26), o qual pode ser diferente para umas e para outras.

1022. Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação, quer para entrar imediatamente na felicidade do céu, quer para se condenar imediatamente para sempre.

A vida eterna é comunhão perfeita com a Santíssima Trindade: comunhão de Amor com Deus com a Virgem Maria, com os Anjos e todos os bem-aventurados que estão no Céu. O Céu é o fim último da nossa vida, realiza as aspirações mais profundas do nosso coração e consiste no estado de felicidade suprema e definitiva. (Cf. Catecismo, 1024)

1026. Pela sua morte e ressurreição, Jesus Cristo «abriu-nos» o céu. A vida dos bem-aventurados consiste na posse em plenitude dos frutos da redenção operada por Cristo, que associa à sua glorificação celeste aqueles que n'Ele acreditaram e permaneceram fiéis à sua vontade. O céu é a comunidade bem-aventurada de todos os que estão perfeitamente incorporados n'Ele.

1027. Este mistério de comunhão bem-aventurada com Deus e com todos os que estão em Cristo ultrapassa toda a compreensão e toda a representação. A Sagrada Escritura fala-nos dele por imagens: vida, luz, paz, banquete de núpcias, vinho do Reino, casa do Pai, Jerusalém celeste, paraíso: aquilo que «nem os olhos viram, nem os ouvidos

escutaram, nem jamais passou pelo pensamento do homem, Deus o preparou para aqueles que O amam» (1 Cor 2, 9).

Juízo de Deus e auto-juízo do homem —
Catecismo, 246; 257; 354-355; 802; 928

A vida só é autêntica na comunhão com Cristo; Ele é que é a bitola com que se mede o valor da nossa vida. As coisas terrenas, procuradas tão desordenadamente e com tanto sacrifício, revelarão, então, a sua inconsistência, serão como palha ou como fumo levados pelo vento. Os pecadores «*comerão o fruto das suas obras e saciar-se-ão com os seus conselhos*» (Pr 1,31). «*O ímpio é presa das suas próprias iniquidades, é ligado com as cadeias dos seus pecados. Morrerá por falta de disciplina e perder-se-á pelo excesso da sua loucura*» (Pr 5,22-23). «*O que o homem semear na carne, na carne colherá corrupção; quem semear no Espírito colherá a vida eterna*» (Gal 6,7-8).

O egoísmo gera a morte; a caridade gera vida eterna. O Senhor, causa de perfeição e de alegria daqueles que se salvam, só indiretamente, provoca a ruína dos que se perdem, dado que eles, recusando o Seu amor, rejeitam a verdade e a plenitude da vida.

O Juízo de Deus começa neste mundo

O juízo de Deus começa agora, neste mundo, na história das pessoas e das comunidades, para promover o bem e livrar do mal. A Bíblia vê-o realizado em relação ao Egito, a Israel, a Babilónia e às outras nações pagãs; depois, e de maneira

claríssima, na paixão e ressurreição de Cristo: «*Agora é que é o julgamento deste mundo; agora é que é expulso o Príncipe deste mundo*» (Jo 12,31). Cada encontro com o Senhor tem carácter de julgamento, pois estimula o homem a decidir-se por Ele ou contra Ele e a manifestar o segredo do seu coração 13.

A justiça de Deus, revelada em Cristo, é diferente da dos homens, pois quer tornar justo mesmo quem não o é; oferece a todos a Sua graça, independentemente dos méritos, para que possam converter-se. Mas é necessário converter-se; quem não se converter será excluído da salvação, assim, o amor recusado tornar-se-á condenação. «E a causa da condenação é esta: A luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más» (Jo 3,19).

A vida terrena é preparação para a vida eterna

A vida terrena é uma grande preparação da vida eterna; é o tempo da graça e da misericórdia que Deus; o tempo que Deus nos concede para decidirmos o nosso destino eterno:

«A morte é o fim da peregrinação terrena do homem, do tempo de graça e misericórdia que Deus lhe oferece para realizar a sua vida terrena segundo o plano divino e para decidir o seu destino último». (LG 48)

A vida terrena é breve e preciosa. É-nos concedida para amadurecermos a opção por Deus, uma opção definitiva e irreversível. Os seres humanos vivem e morrem uma só vez (Heb 9,27) e, deste modo, decidem o seu destino eterno.

Cristianismo e reencarnação — Catecismo, 588; 592; 595

A reencarnação é inconciliável com o cristianismo. Só podemos aceitar a sobrevivência da alma além da morte, bem como a purificação nela contida. Mas é sempre a graça de Deus que nos purifica. Por outro lado, o homem, consciente dos seus defeitos, pode purificar-se durante a vida terrena e morrer serenamente, confiando em que Deus o purificará e o levará à perfeição em Cristo.

Infelizmente, a doutrina da reencarnação seduz muitas pessoas porque é erroneamente apresentada como uma possibilidade de progresso espiritual indefinido, fazendo render as experiências das existências anteriores. De facto, a própria doutrina oriental, da qual provém, o ciclo das reencarnações é considerado um mal, um castigo penoso, do qual é necessário e urgente libertar-se. Por outro lado, a reencarnação parece não ter fundamento. Onde estão as recordações das existências anteriores? Onde estão as experiências adquiridas das existências anteriores? Como poderemos servir-nos delas, se nem sequer as recordamos?

A Igreja ensina que Deus é nosso juiz e que nossa vida terrena e nosso bem. Dando-Se a nós no amor, Deus incita-nos a fazer uma escolha fundamental: com Ele ou contra Ele. Esta opção manifesta-se e torna-se irreversível na hora da morte.

O Juízo Universal ao fim da história

Embora cada homem, pela sua morte, atinja a sua salvação definitiva ou a sua perdição eterna, a verdade é que a

salvação e a perdição só no fim do mundo se tornam completas, segundo todas as dimensões da pessoa. Deus dirige a história e a conduz ao seu termo. Os profetas do Antigo Testamento anunciam o dia do Senhor, suprema manifestação da Sua glória sobre a Terra, para punir os inimigos, para purificar e salvar os fiéis. Será a vitória total, separação definitiva do bem e do mal. Por detrás desta expectativa, vai emergindo, pouco a pouco, a fé na ressurreição dos mortos: «*Muitos dos que dormem no pó da terra acordarão, uns para a vida eterna, outros para a ignomínia e para a reprovação eterna*» (Dn 12,2).

Os sete irmãos, de que fala o segundo Livro dos Macabeus, morrem com a certeza de serem ressuscitados por Deus no último dia (Mac 7,9.14.29) alcança por meio de Cristo no Espírito, pode curar a nossa personalidade, como o fogo purifica o ouro e a prata (Zc 13,9; Ml 3,3).

Isso provoca no homem, não só a alegria de se aproximar d'Ele, mas também o sofrimento de não Lhe ser plenamente conforme. É um sofrimento que nasce do amor e que, como tal, é absolutamente diferente do dos condenados, que nasce do ódio. O Purgatório não é um inferno temporário; a purificação não tem nada a ver com a perdição.